

MARCAS SOBRE E SOB A PELE: BIOMATERIALIDADES VESTÍVEIS

UMA ABORDAGEM DO DESIGN ESPECULATIVO A PARTIR DE RESÍDUOS ORGÂNICOS

Palavras-chave: design; biomaterial; vestível.

Luisa Videira Filardi; UFRJ; Rio de Janeiro, RJ Brasil;
filardiluisa@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa foi desenvolvida para o trabalho de Conclusão de Curso em Design de Produto pela UFRJ e investiga a relação entre consumo, vestuário e materialidade do corpo por meio do design especulativo e da elaboração de biomateriais a partir de resíduos orgânicos. Propõe-se repensar o ciclo de vida dos produtos, os vínculos entre corpo e vestimenta, e os impactos da indústria da moda, explorando novas formas de habitar e criar materialidades sensíveis e cíclicas. Inspirada nas palavras de Hélio Oiticica - “consumir o consumo” (BRASIL DIARRÉIA, 1973) -, busca-se digerir criticamente a lógica hegemônica do consumo, repensando estética, espaço e sociabilidades. Através de experimentações práticas, entrevistas e fabulações, o projeto desenvolve um vestível que habita o limiar entre corpo, forma e ambiente, propondo futuros regenerativos e simbólicos.

1. Introdução: consumo, hábito e desafios

Diante do iminente colapso ambiental e da urgência de uma proposição crítica à lógica produtiva linear, esta pesquisa investiga a matéria como objeto de consumo e descarte, com foco na indústria da moda, uma das mais poluentes. O excesso de lixo têxtil é um problema global: o SEBRAE (2022) revela que o Brasil produz 170 toneladas de resíduos têxteis por ano, 80% destinados a aterros e lixões clandestinos. Essa invisibilização do descarte material convida à reflexão. Como propõe Rafael Cardoso em

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

Design Para um Mundo Complexo (2011, p.113), a questão do “pós-uso” remete à concepção equivocada que é feita normalmente do “ciclo de vida do produto”. Isso nos leva a questionar: que noções sociais de tempo sustentam esses fluxos lineares? E como essas temporalidades moldam os modos de existência em um mundo em negligência?

A pesquisa se inicia então como um processo investigativo e transdisciplinar; foram realizadas entrevistas e questionários para compreender como diferentes pessoas percebem suas roupas, seus corpos e seus hábitos de consumo. Foram obtidas 69 respostas anônimas, com o objetivo de construir um panorama afetivo e simbólico das múltiplas relações com o vestir. A partir dessas respostas, foram reunidas narrativas, signos e imagens que registraram e refletiram cada etapa, estimulando a concepção visual das práticas criativas experimentais que ao fim resultaram nos biomateriais.

2. Corpo, vestível e materialidade

Os códigos sociais se transformam tanto de forma sutil quanto abrupta conforme os contextos por onde transitam, tornando instigante compreender a racionalização por trás das escolhas autorais.

De acordo com a análise do questionário, compreendeu-se que para trazer para a prática o consumo consciente, os três fatores: estética, valor e produção deveriam andar juntos e compor o produto, ou, então, seria necessário que essas relações de consumo fossem repensadas em novas formas de existir. Lidar com os bens de outras maneiras, reinventá-los, ressignificar seus valores e seus símbolos. Repensar a lógica de consumo também é repensar a estética, os acessos e as relações sociais.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

Para você roupa é uma escolha: (marque todas que se identificar)

69 respostas

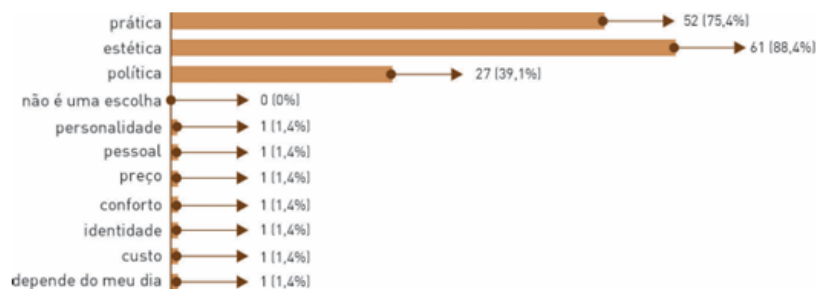


Imagem 1 – Resultado do questionário

Fonte: acervo pessoal (2024)

Nas roupas, entre a mensagem projetada e a digerida pelo outro existe um limite mutável e extremamente subjetivo. Tal conceito do limite surge na pesquisa após a leitura do texto *Limitar o limite: modos de subsistência* (2019), em que Alexandre Nodari discute outros modos para garantir uma vida sustentável. O contato com o texto desdobrou entendimentos e hipóteses sobre a materialidade que limita o eu-interior, e que esse limite íntimo e vulnerável convive com a não certeza de até onde se estende a relação mutável e não-métrica da pele/roupa.

Qual seria então a materialidade, o registro que determina o limite, ou como ele seria compreendido na relação pele e roupa?



Imagem 2 - Marcas de roupas na pele

Fonte: acervo pessoal (2019)

A marca, prolonga no corpo a presença da peça despida e por isso é cúmplice nessa relação íntima. Sobre a pele, a roupa vira uma película, dá forma, cor e textura às sensações vividas, expõe a vulnerabilidade do corpo durante seus ciclos de renovações simbólicas e das células epidérmicas. A roupa se transforma na pele e a pele na roupa, assim as marcas se mostram como a memória da roupa sobre a pele.



Imagem 3 – Memória da roupa sobre a pele

Fonte: acervo pessoal (2024)

3. Experimentações com biomateriais

A matéria torna-se protagonista do projeto. No encontro entre recursos naturais e práticas culturais, predomina a lógica de exploração desigual e hierárquica, com

processos não renováveis que rompem ciclos. A busca por processos cíclicos, orgânicos e compostáveis é urgente, e pesquisas com materiais sustentáveis e cadeias alternativas têm crescido, mostrando-se promissoras por assumir responsabilidade pelos próprios impactos ambientais.

Dentre os novos modos de criar da cadeia têxtil estão os biomateriais. Esta denominação abrange uma ampla categoria de materiais os quais incluem produtos que: contém biomassa; são derivados de ingredientes biológicos; são produzidos usando algum tipo de processo biológico; e produtos biodegradáveis.

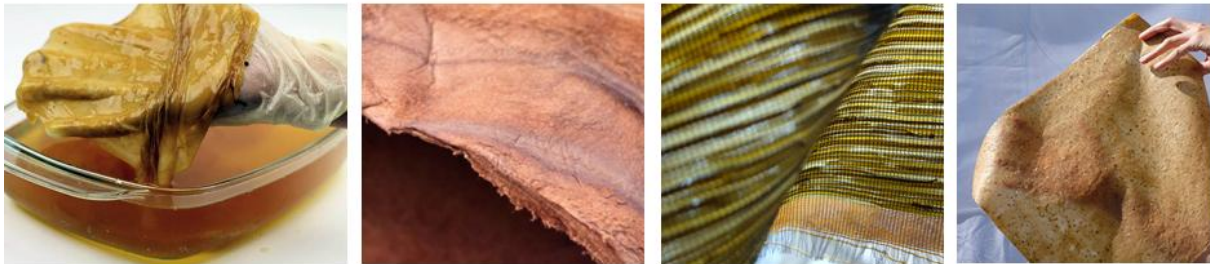


Imagem 4 - 1. Biocouro microbiano 2. Biocouro de micélio 3. tecido com fios de alga e algodão
4. Bioplástico de manga e tapioca

Fonte: Fabricademy (2022)

O percurso da pesquisa orienta as especificidades da fabricação do material. A interdisciplinaridade estabelece relações multilaterais, para que aspectos se beneficiem entre si de forma circular - desde a escolha da receita; do modo de fabricação; da aplicação e do descarte.

Nessa lógica, usufruir dos resíduos de outra cadeia produtiva é o caminho mais coerente com esses objetivos e princípios. Redirecionando destinos da matéria orgânica e processos da indústria, dialogando com o território que se habita e estabelecendo um modelo de produção sem descartes, em que o produto é desenvolvido a partir de resíduos de matérias orgânicas e reabsorvido pelo próprio ecossistema como adubo.

A partir desse direcionamento, o aproveitamento das fibras de resíduos orgânicos é coerente devido à grande produção agrícola brasileira de frutas, que ultrapassa as 41 milhões de toneladas, segundo dados de 2022 da Confederação da Agricultura e Pecuária

do Brasil (CNA). Ou seja, um mercado estabelecido com produção grandiosa e que gera descartes na mesma grandeza.



Imagem 5 - Cascas de batata doce, banana e laranja desidratadas

Fonte: acervo pessoal (2024)

A escolha pelo resíduo orgânico com maior teor fibroso, como a casca da laranja, impactou em um resultado mais resistente fisicamente e conceitualmente. O Brasil é líder mundial na produção de laranja, responsável por cerca de um terço da produção global em 2022 e cerca de 75,8% do total do suco exportado, conforme dados do IBGE (PAM 2022). Assim a escolha do substrato é fortalecida por dialogar com a região da pesquisa, gerar resíduos em grande quantidade, ter cor e aroma como diferenciais e trazer o melhor resultado de acordo com os requisitos.

O uso da casca de laranja aproxima o corpo do território e do alimento, recuperando uma conexão entre o elo natureza e cultura.

A biofabricação caseira permitiu aprofundamento na compreensão de cada etapa, no armazenamento correto, mudanças de temperatura, tempo de produção e como estes interferem no processo de secagem do biomaterial. Proporcionou diferentes resultados e assim cada produção de biomaterial é única. As marcas e texturas geradas no processo revelam semelhanças com a pele do corpo: nas aparências, no sensorial, no simbólico e

nas camadas conceituais que os compõem. No contexto da pesquisa, ambos são lidos como materialidades plásticas que recobrem a profundidade subjetiva do eu. A efemeridade do biomaterial, longe de ser falha, tensiona a lógica produtiva que associa valor à durabilidade, propondo outra temporalidade: orgânica, mutável e finita.



Imagem 6 - Produção do biomaterial utilizando a casca da laranja

Fonte: acervo pessoal (2024)

4. Tramas, vestíveis e conexões

A narrativa da pesquisa se direcionou principalmente ao diálogo com mulheres - que mais colaboraram com relatos desde o início dos questionamentos -; o que orientou a compreensão de como o vestível habitaria corpos. A região do busto se relaciona com todas as concepções já definidas, pelo atrelamento ao valor moral, mas também pela potência simbólica que representa.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025



Imagem 7 e 8 - Vestível materializado em duas vistas possíveis

Fonte: acervo pessoal (2024)

Para explorar as similaridades do biomaterial com a pele, diversas texturas, colorações, volumes e padrões seriam usados; e para a sensação de fluidez, a estrutura de encaixe ajustável permitiu o vestível abraçar o corpo se adaptando a ele.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

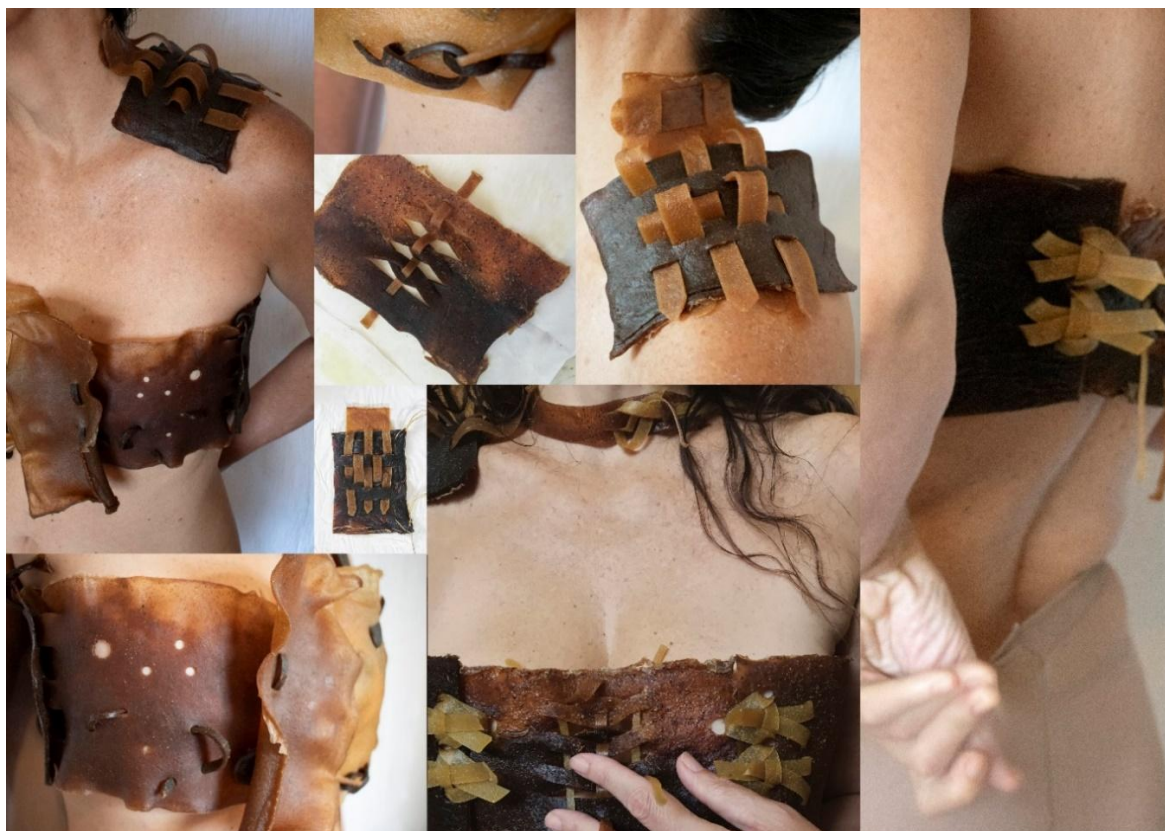


Imagem 9 – Vestível sendo habitado

Fonte: acervo pessoal (2024)

Buscou-se nas tramas e trançados, experimentar técnicas que carregam memória e práticas identitárias que contam, preservam e testemunham histórias. A cada etapa, dobra, nó, uma decisão é tomada construindo o padrão que está se formando.

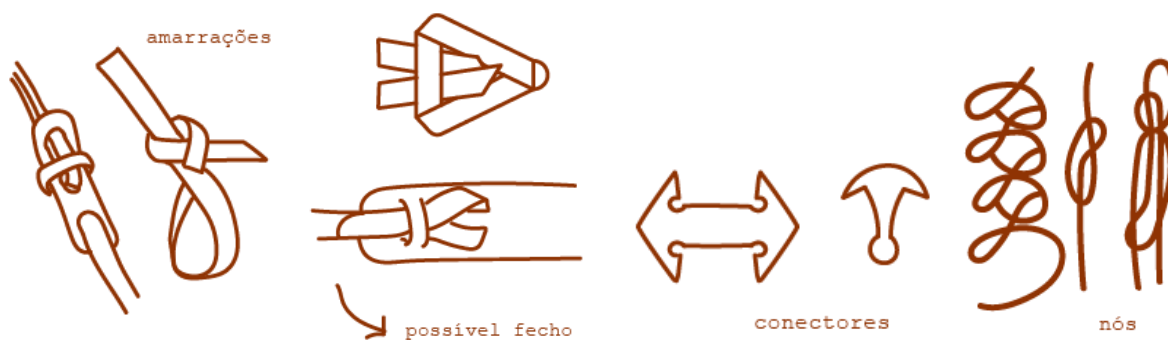


Imagem 10 - Esboços de tramas e trançados

Fonte: acervo pessoal (2024)

5. Considerações finais: biomaterialidades como futuros possíveis

A pesquisa não deseja propor soluções, mas combinar o design especulativo, fabulações ecológicas e a biofabricação como modos alternativos de habitar o mundo. O vestível tensiona dicotomias entre o natural e o artificial, o permanente e o transitório, propondo uma estética da impermanência em que corpo, matéria e ambiente são indissociáveis. Mais que resultado, o vestível é provocação viva, moldada pelas subjetividades de quem o experiencia.

REFERÊNCIAS

AGRO2. **Exportações de suco de laranja do Brasil devem crescer quase 22% até 2033**. Dados: Brasil representa 75,8% do total exportado em 2022/23, segundo o USDA. Disponível em: <https://agro2.com.br/economia/exportacoes-suco-de-laranja-brasil-2033/>. Acesso em: 21 jul. 2025.

Carta Capital. **No debate sobre o clima, é preciso responsabilizar a indústria da moda**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/no-debate-sobre-o-clima-e-preciso-responsabilizar-a-industria-da-moda/>. Acesso em: 31 jul. 2025.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. Curitiba: UTFPR, 2011. p.113.

FABRICADEMY. **Bioplastics**. 2022. Disponível em: <https://class.textile-academy.org/2022/annah-sangosanya/assignments/week06/>. Acesso em: 31 jul. 2025

BGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produção Agrícola Municipal (PAM) - Culturas Temporárias e Permanentes**. Rio de Janeiro, [2021]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9117-producao-agricola-municipal-culturas-temporarias-e-permanentes.html>. Acesso em: 31 jul. 2025.



**V COLÓQUIO DE
PESQUISA EM
DESIGN E ARTES**
5, 6 e 7 de novembro 2025

NODARI, Alexandre. **Limitar o limite: modos de subsistência**. 2014.

OITICICA, Hélio. **Brasil diarréia**. 1973. p.4.